

ZINE **CONSCIENTE**

#67

COLAB



**VENCENDO A**

**FOME**



# ABERTURA

Quando a pesquisa da Rede Penssan apareceu na mídia no dia 8 de junho, indicando que 33 milhões de pessoas no Brasil têm fome, fiquei muito abalada e durante alguns minutos sem nenhuma reação. Era cedo pela manhã, horário em que geralmente leio os jornais do dia. A única coisa que pensei quando sai da sensação de susto foi que precisávamos dar voz a este assunto com mais ênfase e amplitude.

Antes de chegar ao Capitalismo Consciente, passei pela experiência de trabalhar com a temática da fome no Banco de Alimentos, organização da sociedade civil que faz a colheita urbana na cidade de São Paulo. Por lá, observei e aprendi, durante muitos anos, como é dura a batalha de convencer doadores a se engajar pela doação de seus excedentes, e ainda mais dura a jornada pela educação alimentar do brasileiro, em todas as classes sociais.

Nosso povo, apesar das dificuldades, desperdiça aproximadamente 40 kg de alimentos por pessoa, por ano, segundo dados da Embrapa/FGV de 2018; e esse número parece não mudar.

Apesar das situações severas de pandemia, isolamento e inflação que passamos, o desperdício ainda é pauta urgente a ser combatida. Seja na casa das pessoas, no varejo alimentar ou na indústria.

O Instituto Capitalismo Consciente Brasil está aqui desde 2013 para transformar o jeito de fazer investimentos e negócios no Brasil, mirando a diminuição das desigualdades. Acreditamos fortemente que a iniciativa privada pode e deve abraçar causas da sociedade e colaborar para que sejam sanadas, diminuídas e reconduzidas a uma trilha saudável e geradora de oportunidades e riquezas.

A fome, o acesso ao alimento e a educação alimentar são algumas das causas que podem ser abraçadas. Pensando nisso, reunimos cinco interlocutores para falar sobre a fome neste documento. Especialistas, empreendedores, conselheiros e empresários que olham o assunto todos os dias.

Desejamos que os pontos de vista aqui reunidos, que você verá, são complementares, ampliem sua visão sobre o tema e também sirva de estímulo a olhá-lo, agora, com nova lente.

Um carinhoso abraço,

**Daniela Garcia**

CEO do Instituto Capitalismo  
Consciente Brasil

# SAIBA+



Acesse o II Inquérito de Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19.

[\*\*ACESSAR\*\*](#)



Jornal Nacional: Mais de 33 milhões de brasileiros passam fome todo dia, revela pesquisa.

[\*\*ACESSAR\*\*](#)



Correio Brasiliense: 33 milhões de pessoas passam fome no Brasil, aponta pesquisa.

[\*\*ACESSAR\*\*](#)

# Ação conjunta, compartilhamento e consciência no combate à fome



A fome talvez seja a maior tragédia da humanidade. Para nós então, que somos uma plataforma de food service, com uma fábrica, distribuidora e marcas como Spoleto, China in Box, Gurumê, Gendai, Koni, Lebonton, CTC burger além de mais de 10 marcas digitais, sempre foi um incômodo muito grande.

Da nossa maneira, sempre buscamos alguma forma de ajudar nesta luta contra a fome. Nosso texto é um passeio pelas nossas ações e histórias que nos enchem de orgulho.

Há muito tempo fazemos ações como o “Gnocchi da Fortuna”, que gera doações de comida para instituições indicadas pelo Instituto da Criança, entidade que nos inspira muito e de

quem somos parceiros há mais de 20 anos. Pedro Werneck, seu cofundador, sempre nos provoca para entendermos como podemos gerar a consciência social que terá como consequência a responsabilidade social.

Mais recentemente participamos de ações muito inspiradoras como o “dia do chega junto”, no Koni, “pote vazio - prato cheio”, em parceria com o Uber-Eats; e a parceria com o Grupo Ancar, proporcionando 1(uma) tonelada de alimentos doados anualmente. Ainda, em parceria com a União Brasil e o Instituto da Criança, doamos 2 toneladas de alimentos para ajudar a população nas recentes tragédias causadas pelas chuvas em Petrópolis e Recife.

Durante a pandemia doamos algo em torno de 42 toneladas. E esse processo nos trouxe um grande aprendizado.

Junto com nosso sócio e cofundador no Investe Favela, Reginaldo, líder comunitário no complexo do Alemão, ativista social no Brasil, cofundador do G10, filósofo e empreendedor, conseguimos distribuir toda a doação numa velocidade recorde e a um custo surpreendente; atingindo bolsões de pobreza fora do radar, envolvendo seus líderes locais, sem a necessidade de armazenamento no entorno dos locais, regiões ou estados, cortando elos na distribuição, diminuindo custos e ineficiências.

Reginaldo não atende famílias e sim dialoga com 70 cidades das 92 do estado do Rio de Janeiro. Quando perguntamos a ele se queria fazer um movimento para atingir estas 70 cidades, ele respondeu: *“Não, mas posso indicar representantes nas 70 cidades. Veja, eu não tenho galpão, eu não alugo galpão, eu não tenho caminhão, não alugo caminhão. Quando eu recebo em escala uma doação de alimentos, eu faço o contato com os ativistas e com os líderes comunitários de confiança (que ajudam muito) em cada uma destas cidades. Eles organizam a logística de retirada. Peço para não estocarem e, sim, que venham para retirar e entregar. Eles avisam as pessoas para que sigam a um determinado local, dia e hora para receberem suas doações”*.

Como tínhamos consciência do fator perecível da nossa doação, essa

resposta nos obrigou a pensar diferente sobre a distribuição: para chegar na ponta, não poderíamos passar por armazenagem.

E Reginaldo continuou: *“Ou seja, o doador me fala antes sua necessidade e eu me mobilizo por um tempo. Eles se preparam para receber no território determinado, mobilizam o transporte de retirada, recebem na ponta e conseguimos concluir tudo em tempo real”*.

Eles levam aos necessitados que recebem na ponta muito mais rápido e com eficiência de custo e tempo. Incrível! Esta é a logística do imediato, quando se tem fome tudo precisa ser muito rápido e sem desperdício. Reginaldo continua: *“Eu não tenho equipe e quando é necessário mais ajuda, as próprias pessoas das comunidades que receberão os alimentos colaboram. Viram ajudante do motorista e, às vezes, até o próprio motorista. Envolvemos mais pessoas gerando um sentimento de pertencimento e parte da solução também”*.

*“Como um exemplo negativo, estava em Pernambuco fazendo uma mediação e o Líder local me chamou para ver um galpão que deveria ter umas 15 mil cestas básicas que estavam cobertas por um mar de ratazanas. Ou seja, quando não se ligam as pontas do início ao fim, sempre existe o risco de desperdício e perdas ao longo do caminho...”*

*“E sempre olhando a pirâmide da Fome, buscando soluções diferentes para cada estágio da fome. Um grupo é formado por aqueles que quando acordam não têm nenhuma perspectiva de se alimentar naquele dia. Para estes, a solução é diferente do outro grupo, que tem a expectativa de fazer uma ou duas refeições ou ainda para aquele que terá três refeições, mas de muito baixa qualidade nutricional. Olhares diferentes sempre”.*

Ou seja, o que o Reginaldo faz me lembra muito a fortaleza de nosso negócio, uma rede de franquias onde temos na ponta os “heróis locais” que fazem a magia acontecer de uma forma coordenada, mas muito descentralizada e com lideranças fortes locais.

No Invest Favela temos a crença de que as favelas vão mudar de dentro para fora, através de exemplos positivos, tendo seus empreendedores como protagonistas de uma grande mudança cultural e, conseqüentemente, econômica e social. Acreditamos que onde um aprende, multiplica para os outros, que multiplicam para outros. A solução vinda de dentro para fora, tendo como protagonistas várias pessoas daquela comunidade e não um só líder transformador e que desta forma as mudanças serão mais rápidas

e duradouras. E é claro, com o suporte da educação e saúde para garantir a sustentabilidade.

O aprendizado do Invest Favela, do Reginaldo e das franquias é o entendimento de que a grande força está na liderança horizontal. Uma rede descentralizada pode ser potencializada com a ajuda de todos, com o mesmo foco e com a mesma vontade de fazer a diferença. Exemplos como do Reginaldo, que através de redes digitais e apps fazem uma boa ação escalar muito.

Hoje, o propósito do Grupo Trigo é a democratização da boa culinária, e nos baseamos nele para elaborar todas as nossas ações.

Temos consciência de que podemos, de alguma maneira, influenciar o mercado e, conseqüentemente, a vida das pessoas. Já conseguimos mudar a experiência de milhões e milhões de brasileiros que se alimentam em praças de alimentação todos os dias, e isso nos deixa gratos. Mas, infelizmente, ainda não conseguimos diminuir o desafio da fome. Acreditamos que a iniciativa privada deve estar sempre junta, buscando melhores práticas de como podemos ajudar este, que ainda é, talvez, o maior desafio de nossa sociedade.

**Autor**

**Eduardo Ourivio**, cofundador e conselheiro ativo do Grupo Trigo, empreendedor Endeavor e Conselheiro Emérito do Instituto Capitalismo Consciente Brasil.

# A insegurança alimentar e o desperdício de alimentos na cadeia de abastecimento do varejo alimentar

Foto: Antonio Cruz | Agência Brasil

A insegurança alimentar e a fome cresceram no Brasil nos últimos meses. Este é o resumo do 2º Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia de Covid-19 recentemente publicado. A pesquisa é realizada pela Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (Rede Penssan), com execução por diversas entidades.

No início da pandemia tivemos uma mobilização importante de muitas entidades, empresas e da população em geral no combate à fome. Agora é importante intensificarmos esta mobilização, pois os dados mostram que, apesar do grande esforço, a insegurança alimentar e a fome cresceram.

O varejo alimentar muito tem feito no combate à fome, mas a situação requer que o esforço seja redobrado. Gostaria de reforçar aqui algumas sugestões de como isto pode ser feito.

É urgente que as doações de alimentos sejam intensificadas. Muitas redes de supermercados já fazem doações importantes, mas outras tantas ou podem aumentar as quantidades doadas ou mesmo deveriam iniciar suas doações de alimentos. A legislação vigente facilita as doações e existe uma importante rede de organizações (Bancos de Alimentos, startups e outras tantas entidades) com experiência e prontas para imediatamente processar estas doações.

Talvez algumas redes devessem rever seus processos internos e antecipar a retirada de produtos que perdem a condição de venda, mas estão absolutamente aptos para o consumo (dentro do prazo de validade), das gôndolas, a fim de que sejam doados. O ideal e menos custoso é a doação de produtos que ainda não foram para as gôndolas.

Outra ação importante do varejo alimentar é intensificar os esforços na redução e prevenção do desperdício de alimentos na cadeia de abastecimento. O desperdício encarece e dificulta o acesso aos alimentos e tem impacto ambiental negativo.

O varejo alimentar pode aprimorar e intensificar os esforços para a redução e prevenção das perdas (atualmente, no geral, existe um potencial de redução de pelo menos 30% das perdas dos produtos de revenda) e desperdícios de alimentos na sua operação. Maior precisão no processo de planejamento da demanda e gestão de estoques, mais cuidado na movimentação, redução do manuseio excessivo e abandono da prática de empilhamento de frutas na exposição além de se evitar as práticas comerciais e contábeis para reduzir

“artificialmente” as perdas (devoluções e bonificações de fornecedores) que encobrem e dificultam o combate ao desperdício, são medidas que podem ser rapidamente implementadas e trazer resultados importantes na redução do desperdício de alimentos na operação do varejo alimentar.

Por outro lado, em função da posição que ocupa na cadeia e pela informação que detém, o varejo pode colaborar decisivamente com seus fornecedores para um abastecimento equilibrado sem excessos e sem restrições desnecessárias no caso de frutas, legumes e tubérculos. Assim como pode apoiar seus clientes na redução e prevenção do desperdício de alimentos dentro dos lares através de orientações e sugestões que levem a um consumo consciente e melhor aproveitamento dos alimentos.

Fica claro que a redução dos atuais níveis de desperdício de alimentos na cadeia de abastecimento do varejo alimentar não só contribui muito na diminuição da insegurança alimentar e da fome como impacta favoravelmente os resultados do varejo e seus fornecedores além de favorecer os consumidores no geral.

## Autor

**Eduardo de Araujo Santos**, executivo e consultor de varejo com foco em redução e prevenção do desperdício de alimentos, operações e gestão de estoques e desenvolvimento de novos modelos de negócio. Fundador da EAS Soluções.



# Inovação tecnológica aliada ao impacto social em prol da segurança alimentar

Foto: Eduardo Knapp

Para quem trabalha diariamente com ações de combate à fome, havia uma grande expectativa sobre os resultados do 2º Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil, divulgado pela Rede PENSSAN. Apesar de não esperar uma melhora nos resultados em comparação à pesquisa anterior, o que foi apresentado à sociedade brasileira no dia 8 de junho foi um cenário bem mais alarmante: vivemos em 2022 com 33,1 milhões de pessoas que não têm o que comer e quase 60% da população brasileira convive com a insegurança alimentar em algum grau. São 125 milhões de brasileiros que passam fome em algum momento do dia.

Avanços tecnológicos na cadeia de suprimentos, impulsionados pelo mundo pós-guerra, promoveram o

aumento da produção de alimentos em escala global, permitindo a diversos países as condições necessárias para promover o acesso de alimentos às populações. Porém, somente a tecnologia não garante comida na mesa todos os dias. No caso do Brasil, foi primordial a adoção de medidas, programas e políticas públicas de segurança alimentar e nutricional a partir de 2003, que permitiram ao país sair do mapa da fome da FAO (agência de alimentação da ONU) em 2014, isto é, menos de 5% da população com fome todos os dias.

Agora, segundo o relatório da Penssan, o país regrediu para um patamar equivalente ao da década de 1990.

Enquanto não vislumbramos uma agenda emergencial por parte dos governos, a mobilização da

sociedade civil brasileira se torna urgente. Considerada como uma prática emergencial recomendada para o combate à fome no mundo pelo Programa Alimentar Mundial da ONU, os sistemas de redistribuição de alimentos, isto é, o direcionamento de alimentos excedentes da cadeia de suprimentos (alimentos bons para consumo, porém sem valor comercial), para organizações da sociedade civil e famílias, vêm sendo aplicados no Brasil há algumas décadas. Por meio da atuação de bancos de alimentos públicos já instalados ou privados (com destaque para o Programa Mesa Brasil SESC), programas de colheitas urbanas e foodtechs, como a Connecting Food, milhares de toneladas de alimentos são entregues diariamente às populações vulneráveis.

Porém, precisamos avançar, e a inovação tecnológica aliada ao impacto social é uma das chaves para o avanço desses sistemas. A redistribuição de alimentos estende a vida útil e o propósito dos alimentos, que é alimentar pessoas. A tecnologia de conexão inteligente de redes de redistribuição, aliada ao entendimento dos locais prioritários para a entrega, promove o acesso de alimentos perfeitos para o consumo, e com alto valor nutricional e

que seriam descartados, a quem mais precisa.

É importante salientar que a prática da redistribuição de alimentos atua para minimizar os impactos do desperdício e promover o acesso emergencial de alimentos. Desse modo, a formulação de políticas públicas que levem em consideração as causas estruturais da fome, como a falta de acesso à renda, educação, saúde, devem ser prioritárias nas agendas governamentais. Porém, a fome é urgente, e o momento pede a união e ações conjuntas da sociedade civil brasileira e governos para minimizar seus impactos.

Empresas podem incorporar práticas efetivas nas agendas de responsabilidade social corporativa relacionadas ao tema, como a adoção e/ou expansão de programas de doações de alimentos (sejam oriundos ou não de excedentes), fundações e institutos podem migrar parte do investimento social privado para projetos de acesso e preparo de alimentos com alto valor nutricional e os governos, nos âmbitos municipais, estaduais ou federais, podem recuperar e aprimorar as políticas de segurança alimentar e nutricional que, um dia, já tiraram o Brasil do mapa da fome.

**Autora**

**Alcione Silva**, Fundadora da Connecting Food e Coidealizadora do Movimento Todos à Mesa. Engenheira de Alimentos, Mestre em Sustentabilidade pela Fundação Getúlio Vargas e MBA em Gestão Empresarial.

# Consciência e atitude

Foto: Jovem Pan



Quando comecei a estudar o desperdício de alimentos em 2013, um dos principais fatores que me instigaram a aprofundar meus conhecimentos sobre a causa era a falta de governança.

Sem governança temos uma constante falha na eficiência da oferta de recursos para a sociedade, o que dificulta o abastecimento recorrente, mais justo e acessível para todos.

Essa falta de governança também gera uma espécie de “imposto” adicional no preço dos alimentos aos consumidores, que é proveniente do repasse dos custos das perdas; agravando ainda mais o poder de compra da população brasileira.

No dia 08 de junho de 2022, foram liberados os resultados dos estudos do Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil (II VIGISAN),

promovido pela Rede PENSSAN. O estudo mostra que a nossa ineficiência não está apenas na gestão de abastecimento, que encarece o valor de compra de alimentos, mas também na nossa ineficiência como sociedade, onde pessoas que têm menos recursos passam a ter cada vez menos e, aquelas que têm trabalho remunerado, também não estão suportando a difícil condição financeira do nosso País.

De acordo com o estudo de Camila Colombo de Moraes, de 2020, o desperdício de alimentos chega a custar o equivalente a US\$ 680 bilhões nos países desenvolvidos e US\$ 310 bilhões nas nações em desenvolvimento (FAO, 2013b). No caso de países em desenvolvimento, como o Brasil, as perdas correspondem a cerca de 60%, principalmente na fase de pós-colheita e processamento (30% no caso de frutas e 35% em hortaliças) e 40% em fases posteriores.

O alimento tem uma função social, e esta condição mostra que muito do que produzimos não é consumido, ou seja, não estamos cumprindo parte de sua função social.

Esta ineficiência reduz a oferta de alimentos, que já é inadequada e aumenta a perda financeira de quem o produz, pois os custos de combustíveis e insumos importados usados no plantio também subiram e acabam sendo repassados para toda a cadeia.

Temos aí a junção de consecutivos repasses de preço, de cada um dos atores da cadeia de distribuição, o que

resulta no que vemos nas gôndolas de supermercados.

Temos dois pontos relevantes nesta dinâmica: o primeiro fator é entender que as perdas estão vinculadas à gestão dos estoques e a gestão de oferta e demanda entre os membros da cadeia. Como há falta de transparência em algumas etapas, temos como consequência relações pautadas em pouca confiança. Muitas vezes, é melhor perder do que contrariar; logo, mais custo para o consumidor final.

O segundo fator é que todos nós pagamos por esta lógica de aceitar e resolver o problema no curto prazo. Queremos solução imediata e mais conveniente, então não focamos em soluções, articulações e educação de longo prazo e mais rentáveis para toda a sociedade. Portanto, perdemos com isso.

Analisando os resultados da pesquisa do II VIGISAN, quem mais sofre com a fome é quem menos tem e quem mais é afligido por fatores sociais, como preconceito, falta de infraestrutura e condições geográficas. “A desigualdade de acesso aos alimentos se manifesta com maior força em domicílios rurais, 18,6% dos quais enfrentam a fome em seu cotidiano. Em termos geográficos, 25,7% das famílias em Insegurança Alimentar grave residem na região Norte; 21,0%, no Nordeste. A Insegurança Alimentar está também diretamente relacionada a outras condições de desigualdade.

A fome está presente em 43,0% das

famílias com renda per capita de até 1/4 do salário mínimo, e atinge mais as famílias que têm mulheres como responsáveis e/ou aquelas em que a pessoa de referência (chefe) se denomina de cor preta ou parda” (II VIGISAN, 2022). Estes últimos fatores revelam que a situação crítica da sociedade, que impede a geração de renda e mostra o abandono do estado há muito tempo, não apresenta nenhuma solução de curto prazo que irá resolver.

O Auxílio Brasil, “*não mitigou o problema, uma vez que a fome ainda estava presente em 21,5% dos domicílios das famílias que solicitaram e conseguiram receber o benefício deste programa social*” (II VIGISAN, 2022). Logo, só vemos o resultado de uma tragédia anunciada há décadas, com diversas histórias de abandono e descaso na estruturação e preparação da sociedade para evitar essas desigualdades que hoje, só reforçam um dos maiores males da humanidade: a fome.

Entendendo a dinâmica das empresas da cadeia de alimentos e de nossos problemas sociais, precisamos compreender que a mudança necessária para fugirmos da fome é profunda, urgente e abrange os diversos atores e camadas da sociedade.

Devemos abrir nossos olhos para a mudança e adotá-las o quanto antes.

Um caminho para soluções de curto prazo mais inovadores é valorizar a criatividade e ousadia de brasileiros e brasileiras, que por meio de ONGs e startups, buscam diferentes modos de mudar essa realidade.

Para garantirmos que esse problema fique no passado, precisamos reconhecer que nossa cadeia de produção deve ser mais eficiente e mais consciente de seus atos. Também nosso Estado precisa agir, dado que a população com renda e sem fome faz o país crescer, diferente da estagnação em que vivemos.

Precisamos adotar práticas mais racionais, em que compreendemos todos os custos e valores de nossas ações, para evitarmos o desperdício de produtos, dinheiro e de vida.

Finalmente, é preciso parar de olhar para as soluções apenas de curto prazo, numa espécie de “tapar o sol com a peneira” e decidirmos mudar.

Vamos ser melhores a partir de hoje, para termos um futuro melhor nos próximos anos?

**Autor**

**Salvador Iglesias Ramalho**, Fundador da SaveAdd.  
Especializado em metodologias de inovação, atuando como  
Diretor de Inovação do ISBE.

# A fome, o campo e o ESG

Estatísticas costumam ser frias. Algumas delas, no entanto, nos causam calafrios na alma. É o que acontece quando se depara com números como o da pesquisa desenvolvida pela Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar (Rede PENSSAN), divulgada esta semana. Ela aponta que mais de 33 milhões de brasileiros passam fome no Brasil atualmente. Ainda de acordo com a pesquisa, mais da metade da população brasileira (58,7%) convive com a insegurança alimentar em algum grau.

Ao deparar com dados tão dramáticos, não é de se surpreender que muitos os relacionem com a produção de alimentos no Brasil. E, então, vislumbrem uma aparente contradição. Nosso campo tão produtivo e louvado não teria condições de atender à demanda da população? Estaríamos excessivamente focados na produção para exportação, relegando o consumo

interno ao descaso?

Trata-se de uma associação compreensível para quem olha o campo de longe. Cabe a quem olha de perto esclarecer a realidade da produção agropecuária, que nos acostumamos a chamar de agro. O primeiro esclarecimento é o de que a insegurança alimentar nem sempre é provocada pela falta de alimentos, mas sobretudo pela falta de acesso a eles.

O segundo é demonstrar que o agro brasileiro não é um ambiente único. O Brasil é, sim, um País de muitos agros: o que exporta, o que gera empregos e riqueza, o que sustenta, o que alimenta. Eles, de certa forma, refletem a complexidade do Brasil e a diferença no nível de oportunidades.

Temos no Brasil um agro próspero e um agro com fome – fome de conhecimento, de recursos, de empatia

dos mercados. Grandes e médias propriedades, focadas sobretudo na produção de grãos, têm, de fato, maior acesso a crédito, tecnologia e assistência técnica. Quando se fala da oferta de alimentos para a mesa dos lares brasileiros, porém, temos outro quadro. Ela provém, em grande parte, de estabelecimentos rurais de pequeno porte e produção diversificada.

Segundo o Censo Agropecuário do Brasil, a agricultura familiar – carente de recursos financeiros e técnicos – responde por cerca de 70% da produção de feijão, 34% do arroz e 87% da mandioca. Quando se fala de proteínas, são essas propriedades a origem de 60% do leite, 59% do rebanho suíno, 50% das aves e 30% dos bovinos.

É nas pequenas propriedades que se encontra um dos maiores gargalos da produção agrícola no Brasil. É preciso inserir esses produtores no mundo contemporâneo, dando acesso a condições de conhecimento e crédito. Não basta apenas um, eles precisam de ambos. Não se produz alimentos sem dinheiro. Não se produz alimentos sem conhecimento. E não se faz agricultura responsável sem tudo isso mais incentivos.

A agricultura familiar é um negócio tocado por empreendedores com as

mãos e os pés sujos de barro. Mas tem também uma importante função social e, como tal, deveria estar no radar das políticas de ESG de empresas e bancos com foco no agronegócio. Eles também são cobrados pela preservação ambiental em suas fazendas, também devem respeito a uma complexa legislação que muitas vezes não cumprem porque não entendem.

Para que eles ajudem a combater a fome – produzindo mais, com custos mais baixos e de forma responsável – precisam de redes de apoio que combinem programas de assistência técnica a políticas de crédito incentivadas, que valorizem inclusive seus ativos ambientais, hoje sequer aceitos como garantias para crédito.

Grandes, médios e pequenos produtores enfrentam hoje um cenário de incerteza, provocado pela elevação sem precedentes dos custos de produção. Aqueles que produzem commodities ainda conseguem compensá-los com a alta desses produtos no mercado internacional. Quem ajuda a encher a cesta básica, porém, não tem essa saída. Dependem muitas vezes de programas estatais, cujas verbas são sistematicamente reduzidas. Se permanecerem invisíveis, engrossarão os maus números na próxima pesquisa.

**Autora**

**Aline Locks**, Cofundadora e CEO da Produzindo Certo.  
Engenheira Ambiental com MBA em agronegócio.



# Entre para nosso time de **EMBAIXADORES e EMBAIXADORAS**

São diversos benefícios para você aproveitar, e temos uma categoria com **mensalidade gratuita!** Basta se inscrever!

**SAIBA MAIS**



# APP CONSCIENTE

Associados do Capitalismo Consciente têm acesso ao App Consciente! Faça o download e tenha nossos **conteúdos** e **curios** na palma de sua mão!

**SAIBA MAIS**